

DOS PRESSUPOSTOS DAS ANÁLISES DE CONJUNTURA

§1º *Análise de estrutura e análise de conjuntura.* O “marxismo vulgar” caracteriza-se fundamentalmente pela aceitação sem reservas do dogma da inexorabilidade do colapso do capitalismo, a partir do qual toda e qualquer análise de conjuntura reduz-se a meras elucidações de uma mesma petição de princípio.

§2º Em boa parte, as análises de conjuntura que têm sido apresentadas nos Congressos do Sintrajud são expressões dessa modalidade. Com efeito, a fórmula que tem sido utilizada para fabricar teses são as seguintes: a) busca-se um apanhado de notícias atuais que indiquem a suposta fragilidade do sistema capitalista mundial; b) conclui-se que, dada a crise estrutural do capital, urge organizar-se para a “luta” iminente, de modo que todos os meios justificariam os fins para legitimar a vanguarda revolucionária em sua tarefa primordial, ou seja, conduzir as massas à revolução socialista; caso contrário, o desfecho deverá ser a barbárie. P

§3º Portanto, ao invés de tratarem com seriedade as análises de conjuntura, as diversas matizes do espectro político da esquerda transformam-na em mera manifestação pró-forma, muito mais com o intuito de marcar posições do que realizar, em observância à famosa lição de Lenin, a “análise concreta de uma situação concreta”, tendo em vista a orientação da ação política. Se houvesse real compromisso com a verdade, haveria que ser realizado um debate sobre análise de estrutura, previamente, ao debate sobre análise de conjuntura.

§4º *Análise de estrutura: notas preliminares sobre teoria da história.* Não há uma “Teoria da História” ou uma “Filosofia da História”, em Marx, mas, tão somente, “modelos de apresentação da história”, segundo a gênese, o devir e o desenvolvimento (enquanto metapressuposições) do modo de produção capitalista.

§5º De acordo com Ruy Fausto, há três grandes modelos marxianos, que podem ser denominados como: a) história da liberdade; b) história da satisfação; c) história da riqueza. O primeiro (história da liberdade) encontra-se concentrado, e.g., em “O Manifesto Comunista”, “A ideologia alemã” e “Crítica da filosofia do direito de Hegel”; o segundo (história da liberdade), e.g., em “Grundrisse” e “O Capital”; o terceiro (história da satisfação), e.g., em “Manuscritos econômico-filosóficos”.

§6º Com efeito, em muito difere a abordagem dada à história em “O Manifesto Comunista”, quando diz, e.g.: “A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Seu declínio e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis” (Marx. “Manifesto”, p. 51); e, em “Manuscritos”, quando diz, e.g.: “A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui. O sentido constrangido à carência prática rude também tem apenas um sentido tacanho. Para o homem faminto, não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento (...) O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral; ele não tem sentido mineralógico algum; portanto, a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico, quanto prático, é necessária tanto para fazer humanos os sentidos do homem, quanto para criar sentido humano correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural” (Marx. “Manuscritos”, p. 110-110).; ou, em “O Capital”, quando diz, e.g.: “A conservação, a reprodução da classe trabalhadora, constitui condição necessária e permanente da reprodução do capital. (...) Do ponto de vista social, (...), a classe trabalhadora, mesmo quando não está diretamente empenhada no processo de trabalho, é um acessório do capital, do mesmo modo que o instrumental inanimado de trabalho”. (Marx, “O Capital”, vol. II, p. 668).

§7º Assim, sob a perspectiva com ênfase na história da liberdade, a história é apresentada a partir da luta dos explorados, em uma sucessão não dialética, mas linear: o devir entre o capitalismo e socialismo, por meio da revolução, que põe fim à propriedade privada e inaugura o trabalho livre. Já, sob a perspectiva com ênfase na história da riqueza, a história é apresentada como desenvolvimento das contradições entre forças produtivas e relações de produção e a sucessão dialética entre a finitude (modos de produção pré-capitalistas), a má-infinitude (modo de produção capitalista) e a boa-infinitude (modo de produção comunista).

§8º Não há, portanto, sob pena de desfigurar-se a obra marxiana, “Teoria da História” ou “Filosofia da História”, mas, tão somente, modelos de apresentação, que enfatizam, em esquemas, aspectos da gênese, devir e desenvolvimento da história. Torná-los absolutos, como dogmas, é um equívoco que, paradoxalmente, contraria a própria perspectiva da crítica marxiana.

§9º A abordagem isolada de cada modelo pode levar a distorções de interpretação da realidade concreta, em flagrante prejuízo à adequada orientação da ação política, sendo, uma delas, segundo a ótica do racionalismo determinista, a crença de que tudo se passa como se o capitalismo estivesse em sua fase terminal, as forças produtivas estivessem no limite da contradição com as relações de produção e socialismo estivesse na iminência de realizar-se, sendo a tarefa da vanguarda revolucionária, tão somente, manter-se em “stand by” para, diante de possíveis aberturas de “janelas históricas”, passar a conduzir as massas “à luta final por uma terra sem amos, a Internacional”.

§10º Ademais, um dos piores efeitos do paradigma exclusivamente produtivista encontra-se na contraproducente querela entre “reforma” e “revolução”, que ainda limita a adequada identificação de obstáculos e potencialidades imanentes à realidade concreta, tendo em vista ações políticas emancipatórias. Contraproducente, posto que ambos fundamentam-se sob o mesmo paradigma produtivista, engendrando uma tensão insolúvel entre o “agora” e o “futuro iminente”, impossibilitando a articulação do campo de esquerda ou mesmo do campo progressista como um todo e, por conseguinte, tornando-se obstáculo à ação política unificada.

§11 Para o “marxismo vulgar”, em suma, a observância à famosa lição de Lenin – realizar a “análise concreta de uma situação concreta”, como dito, passa distante.

§12 *Proposta.* Submete-se, à Assembleia Geral reunida no Congresso do Sintrajud, a proposta de realização de debate prévio acerca dos pressupostos das análises de conjuntura que têm sido apresentadas, seja na própria ocasião do evento, seja em momento oportuno.

MARCELO PENNA KAGAYA
TJAA - TRT 2ª REGIÃO